

PANORAMA SETORIAL DO CAFÉ

Maria Simone de Castro Pereira Brainer
Mestre em Economia Rural. Engenheira Agrônoma
msimonecb@bnb.gov.br

INTRODUÇÃO

A produção de café no Brasil é destaque no cenário mundial. Sistemas de produção diversificados, desde aqueles altamente tecnificados ou da produção familiar e extensas áreas com solos e clima favoráveis ao cultivo da cultura, fizeram do País o maior produtor mundial e também o maior exportador. Com essas aptidões, seria natural que o País fosse o grande *player* do mercado mundial, mas a participação do Brasil nesse mercado reduz-se à condição de exportador de matéria-prima para outros países, alguns dos quais, se destacam na reexportação de produtos de maior valor agregado.

— Isso porque existem algumas limitações, principalmente relacionadas aos agricultores, que os leva a escoarem seus produtos direto da lavoura, pois grande parte da produção de café é oriunda de agricultores familiares, descapitalizados, que, por causa dos compromissos, negociam a produção no fim da colheita ou mesmo antes. Aliado a isso, por trabalharem com margens líquidas negativas por longos períodos, precisam recorrer a empréstimos e vendas de ativos para permanecerem na atividade, acumulando dívidas por décadas. Mesmo com a recuperação dos preços, as necessidades de pagarem primeiramente suas dívidas, os impedem de investir em novas tecnologias para agregação de valor aos seus produtos.

Este trabalho aborda, portanto, alguns destes fatores limitantes e sugestões necessárias para melhoria da remuneração dos atores da cadeia, especialmente os produtores, que detêm os maiores riscos econômicos.

1 CONJUNTURA MUNDIAL

1.1 PRODUÇÃO

Existe grande diversidade de espécies que compõem o gênero botânico *Coffea*, porém, apenas duas possuem importância econômica: o *Coffea arabica* (Café Arábica) e o *Coffea canephora* (Café Conilon ou Robusta¹).

O Café Arábica, caracterizado pelo baixo teor de cafeína nos grãos, aroma e doçura intensos, responde por cerca de 59,4% da produção mundial de café. É cultivado em altitudes elevadas. No Brasil, o Arábica ocupa (80,3)% da área com café e responde por 76,7% de sua produção total.

O Conilon pode ser cultivado em baixas altitudes, possui elevado teor de cafeína e sólidos solúveis, por isso é muito utilizado para a produção de café solúvel, sendo também usado para compor *blends* com o Arábica na indústria de café torrado e moído (RONCHI, 2009).

A produção mundial de café na safra 2018/19 deverá ser de 171,2 milhões de sacas (60 kg), um acréscimo de 11,4 milhões de sacas em relação à safra 2017/2018. Destas, o Brasil contribuiu com o fornecimento de 9,3 milhões (Tabela 1).

Com relação às espécies, o avanço das produções mundiais do Arábica em 7,1% e o do Robusta em 7,2%, estimados para a safra de 2018/19 em relação à 2017/18, também foi devido, em grande parte, à produção recorde do Brasil, como consequência do clima favorável durante o florescimento e estágios de formação dos frutos, bem

1 A designação Conilon diz respeito a uma variedade de café dentro da espécie *Coffea Canephora* (RONCHI, 2009)

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente), Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente), Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano J. F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Roberto Rodrigues Pontes (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Dalylly Soares de Azevedo e Antônio Kassy Monteiro Costa (Bolsistas de Nível Superior).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo. **Contato:** Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

como da bialidade positiva esperada na maioria de suas regiões produtoras.

O Brasil já está consolidado como maior produtor mundial de café total (60,2 milhões de sacas; 35,2%), e também de Café Arábica (44,5 milhões de sacas, o que representa 26,0% da produção mundial e 43,8% do Arábica). Além disso, também é o segundo maior produtor mundial de Café Robusta (15,7 milhões de sacas; 22,6%), depois do Vietnã (28,5 milhões de sacas).

O que acontece nos maiores produtores mundiais de café é muito importante para a economia do setor; quatro países (Brasil, Vietnã, Colômbia e Indonésia) concentram 67,6% da produção mundial. Assim, é importante destacar alguns aspectos conjunturais desses países produtores.

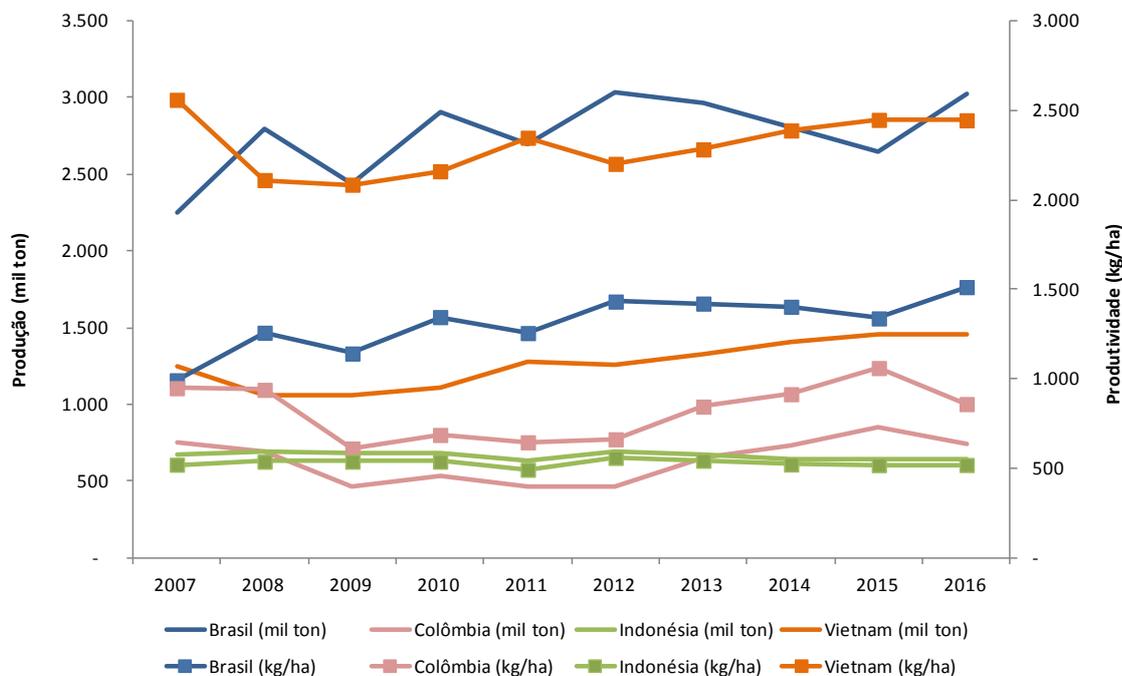
As maiores áreas de cultivos comerciais de café estão localizadas no Brasil (1.995 mil ha), Indonésia (1.229 mil ha), Colômbia (866 mil ha) e Vietnã (598 mil ha). Em 2016, esses quatro Países colheram 4,7 milhões de um total de

11,0 milhões de hectares mundiais de café (FAOSTAT, 2018).

No Brasil, a área tem-se mantido praticamente estável, elevando-se a produção a partir do aumento da produtividade dos cafezais, que alcançou 1.514 kg/ha, com investimentos contínuos em inovações e tecnologias, o que pode ser observado no **Gráfico 1**, desconsiderando os anos de bialidade negativa.

A Indonésia e a Colômbia, mesmo com áreas maiores que o Vietnã, perderam posição no *ranking* de produção mundial de café, devido seus baixos rendimentos relativos de 520 kg/ha e 861 kg/ha, respectivamente. Por outro lado, foi o elevado rendimento do Vietnã (2.445 kg/ha) que o colocou como segundo maior produtor mundial de café (FAOSTAT, 2018). Esse rendimento está atrelado ao plantio de novas variedades de alto rendimento e às condições climáticas favoráveis, com chuvas oportunas nas principais áreas de cultivo, promovendo um bom desenvolvimento da florada e dos grãos (**Gráfico 1**).

Gráfico 1 - Produção e produtividade dos principais países produtores de café



Fonte: FAOSTAT (2018).

Segundo analistas de mercado, há previsão de aumento de 500 mil sacas de Café Robusta, no Vietnã, cooperando para o recorde de 29,9 milhões de sacas na safra de 2018/19. Contribuíram para isso, o grande desempenho da safra passada, que permitiu a compra de insumos adequados para a safra atual, aumentando a produtividade. Ao mesmo tempo, o clima mais frio e as chuvas de entressafra ajudaram a estimular as árvores de café um pouco antes da floração e formação dos grãos. É provável que haja ampliação de área cultivada, um pouco acima da safra passada (USDA, 2018).

Na Colômbia, maior produtor de Café Arábica lavado² do

mundo, a produção se estabilizou em 14,5 milhões de sacas, após a recuperação das lavouras, em grande parte, auxiliadas pelo “Programa de reactivación de La caficultura colombiana”³ que substituiu árvores mais antigas e de menor rendimento por variedades resistentes à ferrugem; e reduziu a

2 Café processado por via úmida. É utilizado para o processamento do Café Arábica. Poucos países do mundo, dentre eles o Brasil, utilizam a via seca. Difícilmente o método úmido é utilizado no processamento do Café Robusta.

3 A área plantada na Colômbia tem mais de 950 mil hectares, dos quais aproximadamente 82% são lavouras em formação tecnificadas, enquanto os demais cafezais são envelhecidos e tradicionais. Esta área de café foi gravemente afetada pelo *El Niño*, condições extremas de baixa pluviosidade, causando escassez de água nas lavouras de café e murchamento, afetando o desenvolvimento das culturas e a qualidade dos frutos. Mais especificamente a seca se acentuou entre janeiro e março de 2016, período de enchimento dos grãos. Para apoiar os cafeicultores na revitalização das lavouras, a Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia lançou o Programa de Reactivación de la Caficultura Colombiana. Mais detalhes do Programa estão disponíveis em: [Reactivación de la Caficultura](#).

idade média das plantas de 15 para sete anos, aumentando ainda mais a produtividade (USDA, 2018).

Na Indonésia, tradicional produtora de Robusta, está previsto o crescimento de 4,7%, chegando ao total de 11,1 milhões de sacas, sendo 9,7 milhões de Café Robusta e 1,4 milhões de Café Arábica. O aumento do Robusta será resultante

das condições favoráveis nas áreas baixas do sul da Sumatra e Java, onde são cultivados aproximadamente 75% desse café; e o aumento do Arábica, em função de elevados rendimentos na região do norte da Sumatra. Em torno de 95% da área plantada e da produção de café tem origem na agricultura familiar.

Tabela 1 - Produção mundial de café verde⁽¹⁾, Arábica e Robusta (milhões de sacas de 60 kg)

Tipo de café	Países produtores	Produção (milhões de sacas de 60kg)			Variação (%)		
		2016/17(A)	2017/18(B)	2018/19(C)	B-A	C-B	
Arábica	Brasil	45,6	38,5	44,5	-15,6	15,6	
	Colômbia	14,6	14,4	14,5	-1,4	0,7	
	Honduras	7,5	7,5	7,4	-0,1	-2,0	
	Etiópia	6,9	7,1	7,1	1,6	0,6	
	Peru	4,2	4,4	4,4	3,6	0,6	
	México	3,1	3,8	4,3	22,6	13,2	
	Guatemala	3,4	3,6	3,7	5,9	2,8	
	Nicarágua	2,6	2,8	2,5	7,7	-10,7	
	China	1,9	2,0	2,0	5,3	0,0	
	Indonésia	1,3	1,2	1,4	-7,7	16,7	
	Vietnam	1,1	1,3	1,4	18,2	7,7	
	Outros	9,4	8,4	8,5	-10,8	1,4	
	Total	101,6	94,9	101,6	-6,7	7,1	
	Robusta	Vietnam	25,6	28,0	28,5	9,4	1,8
Brasil		10,5	12,4	15,7	18,1	26,6	
Indonésia		9,3	9,4	9,7	1,1	3,2	
Índia		3,6	4,0	4,1	11,1	2,5	
Uganda		4,0	3,6	4,0	-10,0	11,1	
Malásia		2,1	2,1	2,1	0,0	0,0	
Costa do marfim		1,1	1,4	1,4	28,4	0,0	
Tailândia		0,8	0,7	0,7	-12,5	-7,1	
Tanzânia		0,5	0,6	0,6	10,0	9,1	
Camarões		0,5	0,5	0,5	8,9	7,1	
Outros		2,2	2,2	2,3	0,1	1,3	
Total		60,2	64,9	69,6	7,8	7,2	
Arábica + Robusta		Brasil	56,1	50,9	60,2	-9,3	18,3
		Vietnam	26,7	29,3	29,9	9,7	2,0
	Colômbia	14,6	14,4	14,5	-1,4	0,7	
	Indonésia	10,6	10,6	11,1	0,0	4,7	
	Honduras	7,5	7,5	7,4	-0,1	-2,0	
	Etiópia	6,9	7,1	7,1	1,6	0,6	
	Índia	5,2	5,4	5,5	4,2	1,5	
	Uganda	5,2	4,4	4,8	-16,3	10,3	
	México	3,3	4,0	4,5	21,2	12,5	
	Peru	4,2	4,4	4,4	3,6	0,6	
	Guatemala	3,6	3,8	3,9	5,9	2,9	
	Nicarágua	2,6	2,8	2,5	7,6	-10,6	
	Malásia	2,1	2,1	2,1	0,0	0,0	
	China	1,9	2,0	2,0	5,3	0,0	
	Outros	11,3	11,2	11,3	-0,8	1,2	
	Total	161,8	159,8	171,2	-1,3	7,1	

Fonte: USDA (2018).

Nota: (1) Grãos crus obtidos no final do processamento.

1.2 MERCADO INTERNACIONAL

O aumento da produção mundial de 11,4 milhões de sacas de café não apenas supriu o acréscimo do consumo mundial de 4,6 milhões de sacas como também elevou 11,6% do estoque final em relação à safra anterior (Tabelas 1 e 2).

O Brasil é líder nas exportações mundiais de café. Com o crescimento de 17,6% de suas exportações, na safra de 2018/19 em relação à anterior, o País cooperou com o aumento de 4,1% das exportações e de 3,7% das importações mundiais, provendo a União Europeia e Estados Unidos, maiores importadores (57,4% do total) e também maiores consumidores mundiais de café (Tabela 3).

Tabela 2 - Consumo e estoques finais (milhões de sacas de 60 kg)

Consumo doméstico	Período			Variação (%)		Estoque final	Período			Variação (%)	
	2016/17 (A)	2017/18 (B)	2018/19 (C)	B-A	C-B		2016/17 (A)	2017/18 (B)	2018/19 (C)	B-A	C-B
União Europeia	45,0	45,0	45,3	0,0	0,8	União Europeia	11,3	11,1	11,9	-1,5	7,2
Estados Unidos	25,5	25,9	27,1	1,5	4,4	Estados Unidos	7,2	6,6	7,2	-8,2	9,1
Brasil	21,6	22,3	23,0	3,1	3,2	Brasil	3,8	2,3	4,0	-40,6	76,4
Japão	8,2	8,6	8,6	4,4	-0,1	Japão	3,3	3,0	3,2	-9,2	6,7
Filipinas	7,0	5,8	5,4	-17,8	-5,7	Índia	1,9	1,2	1,4	-34,2	11,9
Rússia	4,7	4,7	5,0	-1,9	6,5	Vietnam	1,2	1,0	1,2	-14,4	16,8
Canadá	4,6	4,6	4,7	0,8	2,2	Filipinas	0,4	0,4	0,8	0,0	100,0
China	3,7	3,8	4,2	4,7	9,8	Colômbia	0,9	0,9	0,6	-1,7	-26,4
Indonésia	3,2	3,6	3,9	11,1	9,6	Indonésia	0,0	0,8	0,5	6.858,3	-43,1
Etiópia	3,1	3,1	3,1	0,3	0,3	Tanzânia	0,2	0,3	0,3	31,8	6,9
Vietnam	2,8	2,9	3,0	4,0	3,8	Outros	2,0	1,8	1,7	-10,2	-4,1
Outros	27,7	28,5	30,0	3,1	5,2	-	-	-	-	-	-
Mundo	157,0	158,7	163,2	1,0	2,9	Mundo	32,2	29,4	32,8	-8,6	11,6

Fonte: USDA (2018).

Tabela 3 - Comércio mundial de café (milhões de sacas de 60 kg)

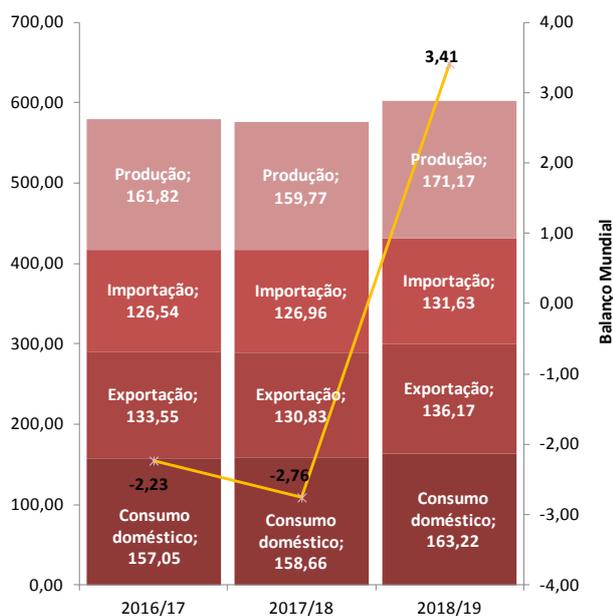
Exportação total	Período			Variação (%)		Importação total	Período			Variação (%)	
	2016/17 (A)	2017/18 (B)	2018/19 (C)	B-A	C-B		2016/17 (A)	2017/18 (B)	2018/19 (C)	B-A	C-B
Brasil	33,08	30,22	35,53	-8,6	17,6	União Europeia	46,05	47,00	48,00	2,1	2,1
Vietnam	27,55	27,65	27,90	0,4	0,9	Estados Unidos	26,49	25,28	27,60	-4,6	9,2
Colômbia	13,76	13,02	13,50	-5,4	3,7	Japão	8,04	8,28	8,78	3,0	6,0
Indonésia	8,17	7,97	8,28	-2,5	3,9	Filipinas	6,42	5,30	5,40	-17,4	1,9
Honduras	7,29	7,10	7,05	-2,6	-0,7	Rússia	4,74	4,65	4,95	-1,9	6,5
Índia	6,16	6,23	5,43	1,1	-12,9	Canadá	4,55	4,59	4,69	0,8	2,2
Uganda	4,60	4,50	4,60	-2,2	2,2	China	3,53	3,55	3,70	0,5	4,2
Peru	4,03	4,18	4,20	3,7	0,6	Coreia do Sul	2,73	2,73	2,95	0,0	8,3
Etiópia	3,85	3,95	3,98	2,5	0,8	Suíça	2,60	2,80	2,90	7,7	3,6
Guatemala	3,31	3,51	3,61	6,1	2,9	Argélia	2,21	2,24	2,34	1,6	4,5
Outros	21,76	22,52	22,10	3,5	-1,8	Outros	19,20	20,55	20,33	7,1	-1,1
Mundo	133,55	130,83	136,17	-2,0	4,1	Mundo	126,54	126,96	131,63	0,3	3,7

Fonte: USDA (2018).

Resumidamente, para a safra de 2018/19, há previsão de recorde tanto da produção e importação, quanto da exportação e consumo mundiais e, ainda assim, resultando em um balanço mundial positivo de 3,41 milhões de

sacas de 60 kg (Gráfico 2). Contudo, depois de três anos consecutivos com quedas nos estoques mundiais de café, ainda não se chegou ao mesmo patamar da safra de 2014/15, que foi de 43,1 milhões de sacas.

Gráfico 2 - Balanço mundial do café (milhões de sacas de 60 kg)



Fonte: USDA (2018).

Nessas circunstâncias, os preços dos cafés registraram consideráveis baixas. Conforme dados da OIC - Organização Internacional do Café (2018), comparando-se os preços de setembro de 2017 com os de setembro de 2018, o Indicador

Composto da OIC registrou queda de 21,12% (de 633,85 para 499,96 R\$/saca, respectivamente). As menores quedas ocorreram com os cafés Suaves Colombianos (-16,99%) e com os Outros Suaves (-17,32%); e as maiores, ocorreram com os cafés Naturais Brasileiros (-22,98%) e Robustas (-22,67%). Tais quedas podem ser atribuídas, principalmente, à grande oferta ligada ao aumento da produção dos principais produtores mundiais de café, sobretudo a do Brasil, com o conseqüente aumento dos estoques finais da safra 2018/19 em relação à anterior. Portanto, os preços tanto do café Arábica quanto do Robusta caíram, no período analisado (**Gráfico 3**).

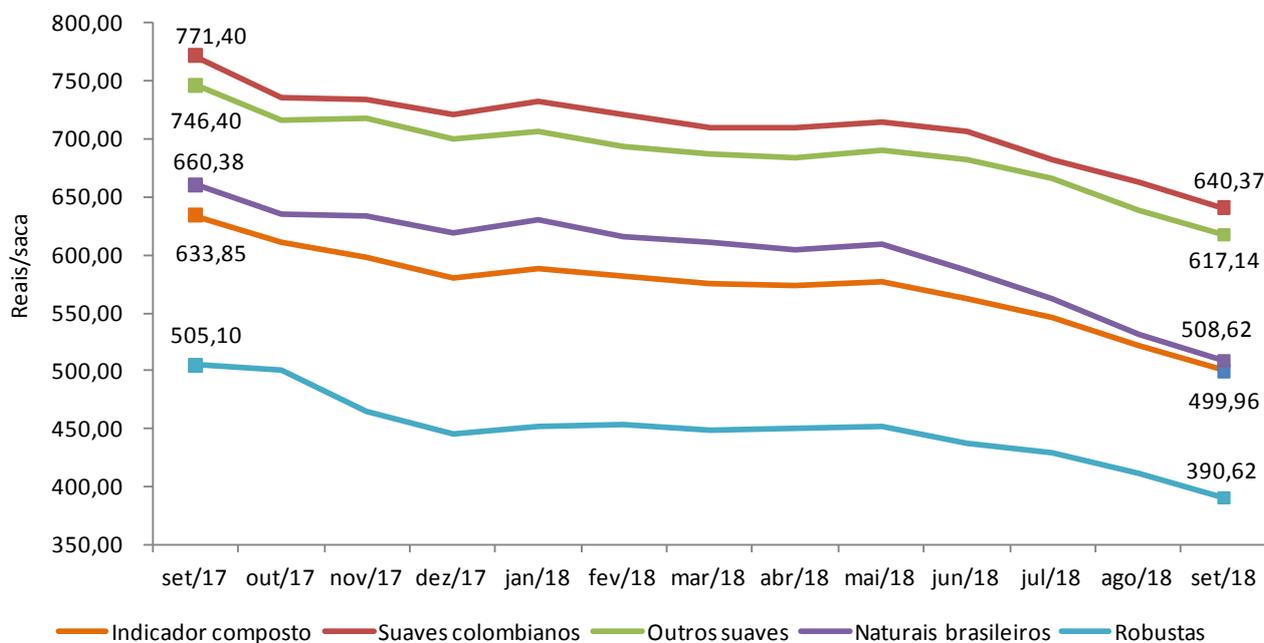
2 CONJUNTURA NACIONAL

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA CAFEICULTURA NA ÁREA DE ATUAÇÃO DO BNB⁴

Na Área de Atuação do BNB, são importantes na produção de café, o estado da Bahia - que responde por praticamente 100,0% da produção no Nordeste, o Norte de Minas Gerais e o Norte do Espírito Santo. Existem pequenas áreas em outros estados como Ceará e Pernambuco, representando, respectivamente, 2,2% e 1,7% da área colhida no Nordeste (IBGE, 2018).

Na Bahia existem três áreas de produção de café que se diferenciam em sistemas de produção e condições climáticas:

Gráfico 3 - Preços indicativos da OIC - Organização Internacional do Café (reais/saca de 60 kg)



Fonte: OIC - Organização Internacional do Café (2018).

Nota: saca de café de 60 kg equivale a 132,28 libras. 1,00 centavo de dólar/libra equivale a 1,3228 dólar/saca. Conversão para dólar: 1 dólar americano equivalente a 3,85 reais em 03.10.2018.

⁴ O Banco do Nordeste do Brasil (BNB) atua no desenvolvimento dos nove Estados da Região Nordeste do Brasil e no Norte dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

- Planalto, localizada na Mesorregião Centro-Sul e Centro-Norte, possui elevada altitude, o que viabiliza a produção do Café Arábica, cultivado na maior parte em regime de sequeiro. É a região mais tradicional na produção de café da Bahia, detendo 54,8% da área total cultivada no Estado (CONAB, 2018);
- Atlântico, localizada na Mesorregião Sul, detém 36,3% da área cultivada com café no Estado. Nessa região é produzido o Café Conilon, pois este não requer elevadas altitudes. Estima-se que 27,0 mil hectares das áreas produtivas sejam irrigadas, alcançando produtividade em torno de 75 sacas/ha e que 20,2 mil hectares sejam cultivados em regime de sequeiro, devido à boa distribuição de chuvas, alcançando uma produtividade de 32,8 sacas/ha (CONAB, 2018);
- Cerrado, localizada na Mesorregião Extremo Oeste, representa 8,9% da área total de café da Bahia (CONAB, 2018), onde se cultiva o Arábica em sistema de irrigação.

No Norte de Minas, predomina a produção de Café Arábica, porém, é pouco representativa diante da produção total do Estado. Em 2017, foram produzidas nessa Região 552,7 mil sacas, o que representou apenas 2,3% da produção total de café em Minas Gerais e aproximadamente 7,0% da produção da Área de Atuação do BNB (IBGE, 2018). Vale salientar que Minas Gerais é o maior produtor nacional de café.

No Espírito Santo, a agricultura é concentrada na cafeicultura, uma das atividades agropecuárias que mais gera divisas no Estado, inferior apenas aos produtos florestais, tornando-o, portanto, o segundo produtor nacional de café total e o maior produtor nacional de Café Conilon (*Coffea canephora*). Esta mesma espécie foi introduzida no Norte do Espírito Santo (que abrange o Noroeste e Litoral Norte do Espírito Santo), como alternativa econômica, após a política de erradicação do Café Arábica em áreas com altitudes inferiores a 450 m. Essa região concentra 50,5% da produção de café total e 64,3% de Café Conilon do Espírito Santo (IBGE, 2018).

2.2 PRODUÇÃO NACIONAL

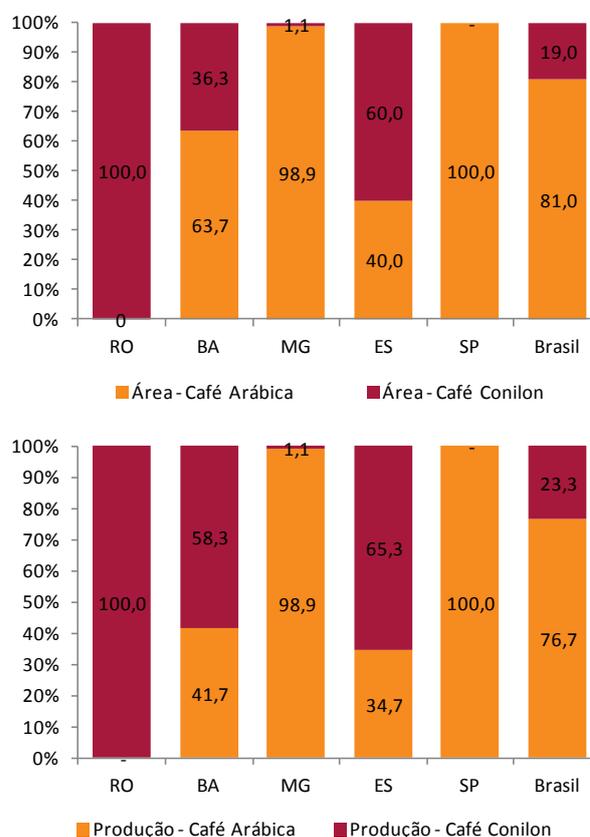
Predomina no Brasil o cultivo do Café Arábica que ocupa 81,0% da área total implantada com a cultura no País e 76,7% de sua produção de café total. Em São Paulo e em Minas Gerais quase todo o café produzido é do tipo Arábica. Rondônia é o único estado que produz somente Café Conilon.

Como mencionado anteriormente, a Bahia é o principal produtor de café do Nordeste, respondendo por quase toda a produção. Assim como no Brasil, predomina na Bahia o cultivo do Arábica, que respondeu por 63,7% da área total ocupada com café no Estado. Contudo, a participação do Conilon sobre a produção de café total no Estado é maior, apesar de ocupar apenas 36,3% da área com café na Bahia (Gráfico 4).

Para a safra de 2018, a participação do Café Arábica na produção de café total na Bahia deverá aumentar de 29,1% (safra de 2017) para 41,7%, devido aos seguintes fatores: no Cerrado, houve aumento de 16,9% da área em produção e aumento de 72,7% da produtividade, em função de boas condições climáticas; na região do Planalto, também houve expressivo aumento da produtividade (144,9%), em consequência de boas condições climáticas durante a floração e formação de grãos; além do fenômeno da bionalidade positiva que influencia fortemente o Arábica.

Mesmo com previsão de aumento de 13,0%, entre as safras de 2017 e 2018, a participação da produção do Conilon deverá cair de 70,9% para 58,3%, pois o percentual de aumento da produção do Arábica foi muito maior (Tabela 4; Gráfico 4)

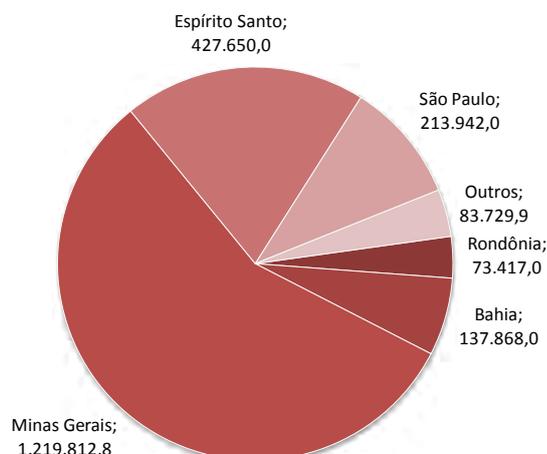
Gráfico 4 - Comparativo percentual da área cultivada e produção de Café Arábica e Conilon nos principais estados produtores em 2018



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da CONAB (2018).

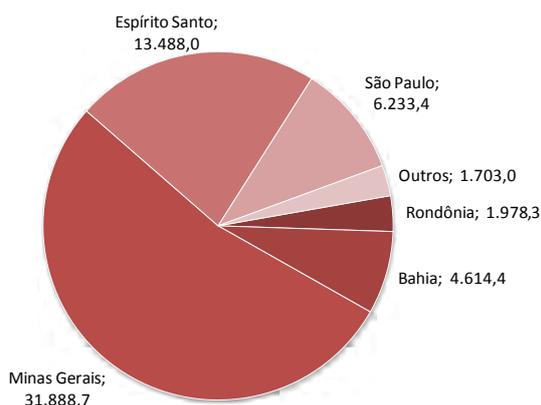
A produção de café no Brasil está fortemente concentrada no Estado de Minas Gerais que sozinho detém 56,6% da área e 53,2% da produção nacional de café. O segundo maior produtor é o Espírito Santo com 19,8% da área e 22,5% da produção. A Bahia é o quarto maior produtor nacional, mas responde por apenas 6,4% da área e 7,7% da produção. No Nordeste, é o único estado com produção relevante. O terceiro maior produtor nacional é São Paulo e o quinto, Rondônia. Compõem os outros estados, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal (Gráficos 5 e 6).

Gráfico 5 - Área total (em formação e em produção) de café (Arábica e Conilon) no Brasil por estado (ha) – 2018



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da CONAB (2018).

Gráfico 6 - Participação dos estados na produção de café no Brasil (mil sacas) – 2018

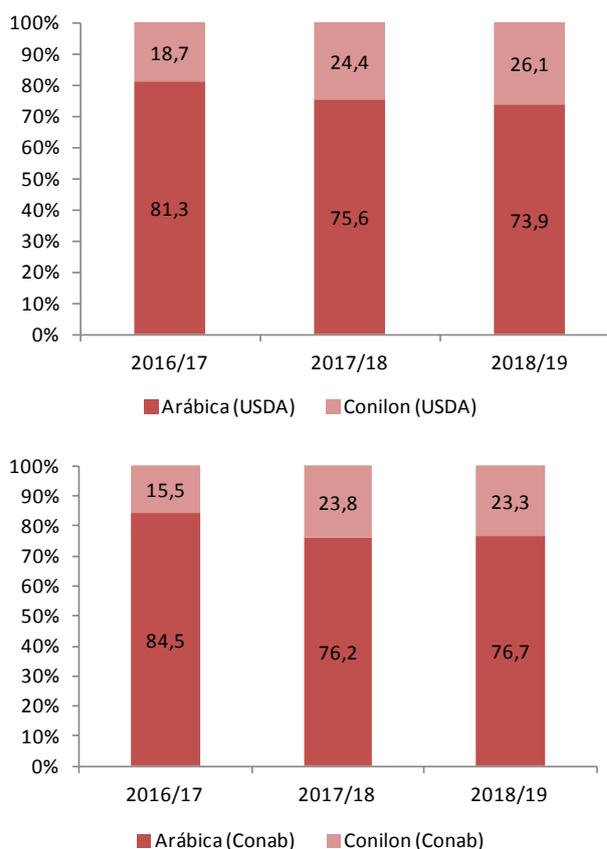


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da CONAB (2018).

Na safra de 2017/18, a produção brasileira de café foi de 45,0 milhões de sacas, uma queda de 12,5% em relação à safra anterior. Para a safra de 2018/19, a Conab (2018) e o USDA (2018) apontam crescimento, em decorrência da bialidade positiva, entretanto, o levantamento da Conab traz melhores expectativas que as do USDA, respectivamente, 33,2% e 18,3%, comparada à safra anterior. Embora as taxas de crescimento sejam divergentes, os cálculos de ambos chegam ao resultado aproximado de 60 milhões de sacas para a safra de 2018/19.

Segundo o USDA, houve queda de 2,4% na produção do Café Arábica, entre as safras 2016/17 e 2018/19, caindo também sua participação em relação ao Conilon (**Gráfico 7**). Os dados da Conab confirmam o mesmo percentual de queda da participação do Arábica, mas apontam que houve crescimento de 5,9% de sua produção, no mesmo período de safra. Quanto ao Café Conilon, as duas instituições assinalam crescimento na produção (USDA - 49,5% e Conab - 74,9%), embora em percentuais distintos. Para a Conab, a participação do Conilon em relação ao Arábica cresceu 50,0% e para o USDA, 39,3%.

Gráfico 7 - Comparativo entre as produções de Café Arábica e Conilon



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da CONAB (2018) e USDA (2018).

A produção brasileira de café relativa à safra de 2018 terá 8,5 milhões de sacas a mais que a da safra de 2016 (**Tabela 4**), em função do aumento da produtividade dos principais produtores nacionais, decorrente das boas condições climáticas, além do uso de irrigação e da bialidade positiva.

Em Minas Gerais, a produção do Café Arábica deverá sair de 24.102 mil sacas para 31.553 mil sacas, um aumento de 30,9%. Em São Paulo, o crescimento da produção de Arábica deverá ser de 41,3%.

No Espírito Santo, espera-se o aumento de 49,0%, em razão da maior pluviosidade a partir de 2017 e também de temperaturas mais adequadas ao melhor desempenho da cultura. Contudo, mesmo com crescimento de 75,0% entre as safras de 2016 e 2018, a produção do Conilon não chegou ao patamar de 2014, quando o Estado produziu 9.949 mil sacas.

De acordo com dados do IBGE (2018), em 2017 a área colhida com café no Norte do Espírito Santo (Área de Atuação do BNB no Espírito Santo) somou 195 mil hectares, produzindo 279 mil toneladas, o que representou, respectivamente, 45,1% da área e 50,5% da produção total de café do Estado. Nessa mesorregião, o cultivo do Conilon é predominante e representa 70,3% da produção da Área de Atuação do BNB (**Tabelas 4 e 5**).

Na Bahia, o aumento da produção total de café, em 2018, será em decorrência do melhor desempenho do Arábica, com crescimento de 96,7% em relação à safra anterior. Vale salientar que esse desempenho se deve, principalmente, à bialidade positiva esperada, com

consequente aumento de produtividade (124,3%), visto que houve queda de área (-16,8%) (Tabela 4). Apesar disso, a Bahia ainda possui a menor produtividade de Café Arábica do País. Em contrapartida, possui a maior produtividade de Conilon (57,0 sacas/ha).

Tabela 4 – Área, produtividade e produção de café (total, Arábica e Conilon) nos principais Estados produtores

Tipo	Estados	Área (ha)				Produtividade (sacas/ha)				Produção (mil sacas)			
		2016	2017	2018	VAR (%)	2016	2017	2018	VAR (%)	2016	2017	2018	VAR (%)
Total	RO	94.561	83.339	73.417	-11,9	18,6	26,1	31,0	18,6	1.627	1.938	1.978	2,1
	BA	162.161	154.567	137.868	-10,8	14,0	23,7	35,4	49,2	2.093	3.358	4.614	37,4
	MG	1.198.263	1.235.114	1.219.813	-1,2	30,4	24,9	31,8	27,7	30.724	24.445	31.889	30,4
	ES	452.116	432.508	427.650	-1,1	21,9	23,0	34,8	51,2	8.967	8.865	13.488	52,1
	SP	215.090	213.832	213.942	0,1	30,0	22,0	30,8	39,9	6.031	4.412	6.233	41,3
	Outros	101.273	88.585	83.730	-5,5	20,8	24,3	22,7	-6,6	1.926	1.952	1.703	-12,7
	Brasil	2.223.464	2.207.945	2.156.420	-2,3	26,3	24,1	32,2	33,3	51.369	44.970	59.906	33,2
Arábica	BA	113.547	105.446	87.768	-16,8	12,2	10,3	23,1	124,3	1.267	978	1.924	96,7
	MG	1.184.384	1.221.458	1.206.156	-1,3	30,5	24,9	31,9	28,1	30.428	24.102	31.553	30,9
	ES	165.745	166.043	171.103	3,0	26,2	19,7	29,9	51,9	3.932	2.950	4.675	58,5
	SP	215.090	213.832	213.942	0,1	30,0	22,0	30,8	39,9	6.031	4.412	6.233	41,3
	Outros	80.964	74.169	68.336	-7,9	23,3	26,5	24,7	-7,0	1.724	1.808	1.553	-14,1
	Brasil	1.759.730	1.780.948	1.747.305	-1,9	28,4	23,1	30,7	33,0	43.382	34.249	45.938	34,1
Conilon	RO	94.561	83.339	73.417	-11,9	18,6	26,1	31,0	18,6	1.627	1.938	1.978	2,1
	BA	48.614	49.121	50.100	2,0	18,0	50,9	57,0	12,0	826	2.380	2.690	13,0
	MG	13.879	13.656	13.657	0,0	23,3	26,4	25,8	-2,3	296	344	336	-2,3
	ES	286.371	266.465	256.547	-3,7	19,4	25,1	38,1	51,6	5.035	5.915	8.813	49,0
	Outros	20.309	14.416	15.394	6,8	11,0	11,9	12,5	5,0	202,5	144,0	150,5	4,5
	Brasil	463.734	426.997	409.115	-4,2	18,8	28,1	38,0	35,3	7.987	10.721	13.968	30,3

Fonte: Adaptado da série histórica da CONAB (2018).

Tabela 5 - Quantidade de café em grão produzido na Área de Atuação do BNB, por estado, no ano de 2017 (Toneladas).

Estados	Café Total	%	Café Arábica	%	Café Conilon	%
Norte do Espírito Santo	278.962	58,8	38.837	29,2	240.125	70,3
Bahia	160.648	33,9	60.543	45,6	100.105	29,3
Norte de Minas Gerais	33.163	7,0	32.080	24,2	1.083	0,3
Ceará	690	0,1	665	0,5	25	0,0
Pernambuco	655	0,1	655	0,5	-	-
Área de Atuação BNB	474.118	100,0	132.780	100,0	341.338	100,0

Fonte: IBGE (2018).

2.3 MERCADO NACIONAL

Existem importantes indústrias de torrefação e moagem de café em quase todos os estados da Área de Atuação do BNB, apesar da produção de café se concentrar em apenas três estados (**Quadro 1**).

Na Premiação da ABIC de Melhores da Qualidade 2018, os cafés Três Corações Extra Forte Vácuo e Extra Forte *Pouch* foram classificados em segundo e terceiro lugares, respectivamente, na Categoria Extraforte. Na Premiação da ABIC Consistência e Qualidade, foi também classificado em terceiro lugar, na Categoria Tradicional (ABIC, 2018).

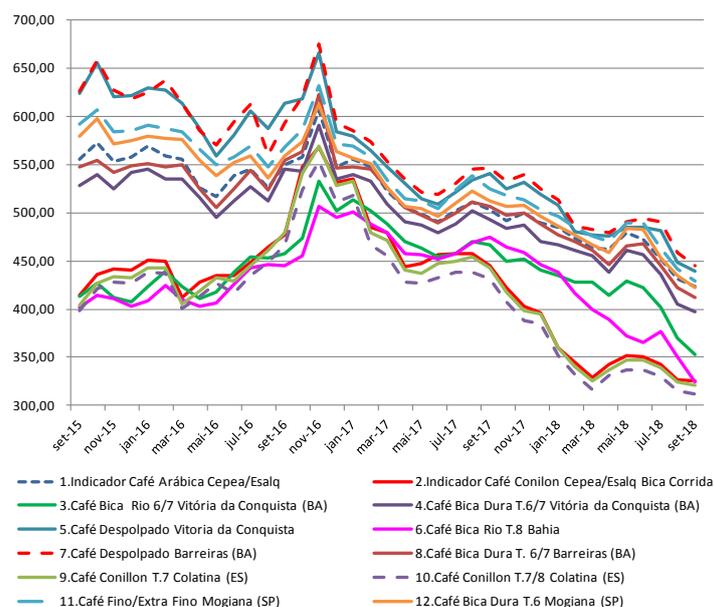
Quadro 1 - Relação das maiores indústrias de café, em 2017, associadas da ABIC na Área de Atuação do BNB

Classificação	UF	Empresas
1	CE	Grupo Três Corações
3	SE	Indústrias Alimentícias Maratá Ltda.
7	PB	São Braz S/A Indústria e Comércio de Alimentos S.A
21	PE	Moinho Petinho Indústria e Comércio Ltda.
25	PE	Indústria e Comércio Café Ouro Verde Ltda.
29	MA	Produtos Alimentícios Ribamar Cunha Ltda.
32	ES	Café Meridiano Indústria e Comércio Ltda.
35	BA	Sobesa Indústria de Alimentos Santanense Ltda.
37	CE	Moageira Serra Grande Ltda.
51	BA	Agroindústria e Exportação Café Bahia S/A.
54	AL	Indústrias Reunidas Coringa Ltda.
57	BA	Ipam Indústria de Produtos Alimentícios Moenda Ltda
58	BA	Moinho Paquetá Indústria e Comércio Ltda.
63	MG	Café Jequitinhonha Indústria e Comércio Ltda
65	CE	Indústria de Café Ojuara Ltda.
71	MG	Indústria e Comércio de Café Dona Iris Ltda
77	MG	Indústria e Comércio de Café Gema de Minas Ltda.
80	BA	Indústria e Comércio de Café Pinga Fogo Ltda.
84	BA	Produtos Alimentícios Maria Rosa Ltda.
92	PB	Moinho Patoense Ltda.
96	BA	J.R. Comércio e Exportação de Café Ltda.
100	BA	Cadoro Indústria e Comércio de Alimentos Ltda

Fonte: ABIC (2018).

Assim como no mercado mundial, no Brasil, os preços de variados tipos de café também apresentam tendência de queda em diferentes praças. No período analisado, os maiores preços são encontrados nos cafés despulpados, ambos da Bahia, no Café Fino/Extra Fino Mogiana (SP) e Café Bica Dura T.6 Mogiana (SP); e os menores preços, no Café Conillon T.7/8 Colatina (ES) e Café Conillon T.7 Colatina (ES). Em novembro de 2016, o café despulpado de Barreiras (BA) alcançou o preço máximo de R\$674,39. O preço mínimo de R\$311,64 foi obtido pelo Café Conillon T.7/8 Colatina (ES), em setembro de 2018 (**Gráfico 8**).

Gráfico 8 - Preços de tipos de café em algumas praças brasileiras (R\$/60kg)



Fonte: CMA, 2018; CEPEA/ESALQ, 2018.

Nota: Preços corrigidos pelo IGP-DI (FGV) para setembro/2018.

Nos maiores produtores nacionais de Arábica e Conilon (Robusta), respectivamente, Minas Gerais (68,7%) e Espírito Santo (63,1%), os preços caíram no período de agosto de 2017 a agosto de 2018. O preço da saca de 60kg do Arábica caiu de R\$ 454,40 para R\$ 413,00; e o do Conilon caiu de R\$ 380,56 para R\$ 302,15.

Grande parte da produção de café, por ser oriunda da agricultura familiar, tem maior influência das oscilações de preços de insumos e produtos. O produtor rural, por causa de sua descapitalização e dos compromissos para viabilizar seu negócio, acaba por negociar a produção no fim da colheita, ou antes do fim. Consequentemente, os preços obtidos e os resultados financeiros da produção são menos compensadores (INNOCENTINI, 2015, p. 11).

O fato de trabalhar com margens líquidas negativas por longos períodos faz com que o cafeicultor tenha que recorrer a empréstimos e venda de ativos para conseguir manter-se na atividade, acumulando dívidas por décadas. É claro que os prejuízos podem ser reduzidos quando os preços recuperam-se e geram margens positivas para o negócio. Contudo, a necessidade do pagamento das dívidas acaba impedindo essa situação, afetando, ainda, a capacidade produtiva do negócio, com redução ou corte de benfeitorias, investimentos em tecnologia, implementos etc. (MESQUITA; FERNANDES, 2013, p. 27).

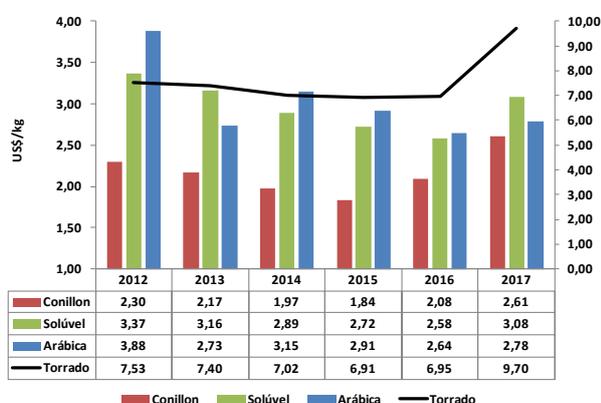
O **Gráfico 9** demonstra as variações de preços dos últimos seis anos por tipo de café, com base nos relatórios do Cecafé - Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (2018).

Destaca-se a diferença de preço entre produtos brutos e industrializados e de preços decorrentes da relação oferta versus demanda. A oferta de café torrado e moído

nas gôndolas do varejo tem grande variedade de marcas, ao contrário do café solúvel, motivo pelo qual apresenta a menor variação de preço. Assim, poucas empresas no mercado para um determinado produto, faz com que os consumidores não tenham margem de manobra na escolha de determinada marca, mantendo, portanto, o preço, nestes casos, relativamente mais estável.

Entretanto, em 2017, observou-se substancial alta do preço interno do café torrado, explicada principalmente pela menor safra nacional. Por outro lado, devido ao aumento de custos no Brasil, o preço no mercado mundial não foi favorável ao produtor brasileiro, fazendo com que perdessemos competitividade frente a outros grandes exportadores mundiais. Assim, houve queda de 10,1% no volume exportado de café torrado em 2017 em relação à 2016.

Gráfico 9 - Variações de preços de tipos de café (US\$/kg)



Fonte: Cecafé (2018).

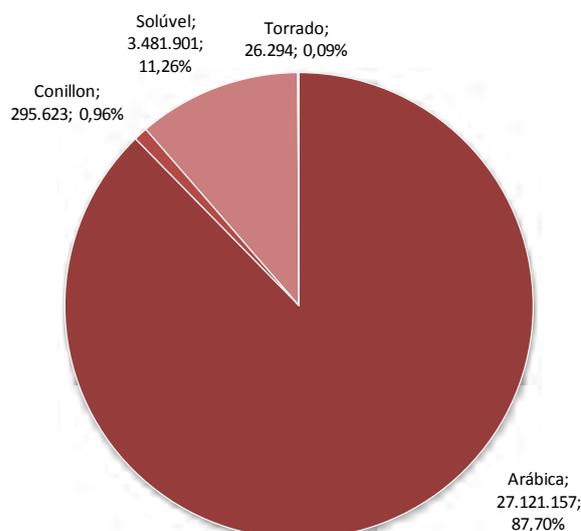
Observa-se no **Gráfico 10** que a quantidade de café exportado de maior valor agregado é significativamente inferior aos demais produtos, enquanto que o Café Arábica (café verde) representou 87,70% das exportações de café (27,12 milhões de sacas), o café torrado foi 0,09% (26,29 mil sacas).

O Brasil é grande fornecedor de matéria-prima, ficando com a parte do agro, e os países importadores agregam valor aos produtos, ficando com as maiores parcelas no negócio do café. Interessante que alguns países sequer têm condições de produzir matéria-prima, no caso do café, Brasil e Alemanha perfazem esta conjuntura, que Marcel Innocentini transcreve da seguinte forma:

O mercado mundial de café movimenta bilhões de dólares anualmente, e o Brasil, apesar de maior fornecedor, não detém parcela proporcional desta quantia. Países sem as mínimas condições ambientais para a produção de café, mas, por se especializarem em atividades comerciais e de transformação de matéria-prima, destacam-se no cenário global, apropriando-se das maiores parcelas financeiras (INNOCENTINI, 2015, p. 9).

Internamente, há milhares de empresários, comerciantes, que não são produtores, mas há todo um cenário cultural e econômico dentro da porteira que os agricultores não têm alternativa, exceto escoarem seus produtos direto da lavoura. O eventual “marco legal” para que o Brasil seja um exportador de inovação, produtos finais, no caso de *commodities* agrícolas como o café, parece utopia, tão complexos são os desafios dentro e fora da porteira. Observando o Gráfico 10, entende-se que a mudança no perfil do produto exportado, mesmo que modesta, o que seria muito bom para a economia nacional, está distante.

Gráfico 10 - Quantidade de sacas e proporção dos diferentes tipos de café exportados no ano de 2017



Fonte: Cecafé (2018).

Em termos regionais, as exportações declinaram consideravelmente em todas as regiões do Brasil. A perda de arrecadação foi na ordem de 242 milhões de dólares, cerca de 895 milhões de reais, decorrente da quebra no embarque de quase 180 mil toneladas (**Tabela 6**). As maiores quebras ocorreram nos Estados de Minas Gerais (-119 mil toneladas) e Espírito Santo (-83,8 mil toneladas) reduzindo a receita desses estados em cerca de 93 milhões de dólares. O Nordeste, majoritariamente representado pela Bahia, também foi prejudicado no volume exportado (-5,78 mil toneladas), com perda de arrecadação na ordem de 14 milhões de dólares.

Também houve queda nas exportações de todos os tipos de café, entre os anos de 2017 e 2016. O Conillon foi o que sofreu maior redução (-49,1%), o Solúvel (-10,3%), o torrado (-10,1%) e o Arábica (-8,7%).

Em relação à logística, 99,0% do volume exportado pelo Brasil seguiu por via marítima, em 2017. O Porto de Santos foi a principal via de escoamento da safra para outros países, com 26 milhões de sacas embarcadas (84,9% do total nacional).

Tabela 6 - Exportações brasileiras de café, por regiões e estados(1)

Regiões/Estados	2016		2017		2018 (2)		Variação (2017-2016)	
	US\$ (mil)	Toneladas	US\$ (mil)	Toneladas	US\$ (mil)	Toneladas	US\$	Ton
Nordeste	62.571,9	23.116	48.648,8	17.334	27.133,6	11.362	-22,3	-25,0
Bahia	62.570,0	23.116	48.630,1	17.330	26.453,4	11.066	-22,3	-25,0
Sudeste	4.228.924,2	1.591.445	4.118.649,2	1.472.385	2.556.325,1	1.027.369	-2,6	-7,5
Minas Gerais	3.522.684,8	1.309.944	3.441.960,6	1.226.157	2.052.064,0	798.545	-2,3	-6,4
Espírito Santo	247.537,3	110.609	235.656,9	89.108	273.460,0	139.902	-4,8	-19,4
São Paulo	444.135,6	165.229	436.303,9	155.571	228.721,6	88.141	-1,8	-5,8
Norte	1.458,2	817	34,3	7	94,9	39	-97,6	-99,2
Centro-Oeste	14.308,8	5.307	3.369,1	1.032	34,6	11	-76,5	-80,6
Sul	89.297,7	36.164	29.669,1	10.765	44.064,1	18.138	-66,8	-70,2
Outros (3)	459.066,8	169.109	413.118,0	148.070	239.375,9	94.817	-10,0	-12,4
Brasil	4.855.627,6	1.825.958	4.613.488,5	1.649.593	2.867.028,2	1.151.737	-5,0	-9,7

Fonte: MDIC (2018).

Notas:

(1) Inclui café não torrado, não descafeinado, em grão; café não torrado, não descafeinado, exceto em grão; café não torrado, descafeinado; café torrado, não descafeinado; café torrado, descafeinado; e cascas, películas de café e sucedâneos do café.

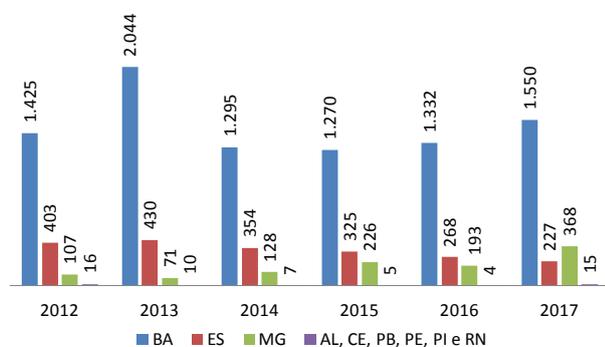
(2) Até setembro de 2018.

(3) Outros: Mercadoria nacionalizada, Zona não declarada e Reexportação.

3 APLICAÇÕES DO BANCO DO NORDESTE DO BRASIL (BNB)

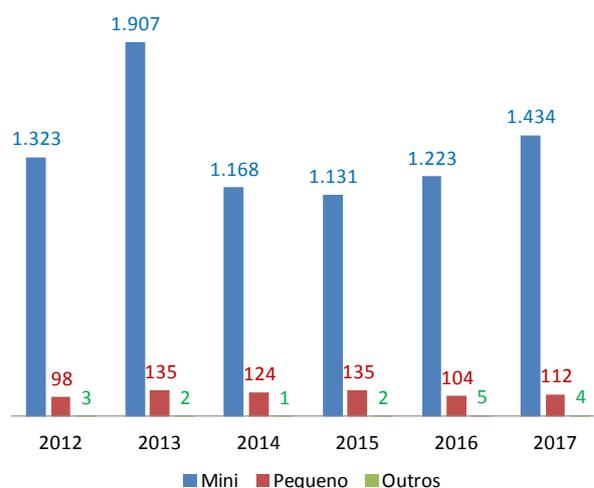
A maior produção de café da Área de Atuação do BNB encontra-se no Norte do Espírito Santo, entretanto, historicamente, a Bahia é o estado que recebe o maior volume de recursos para o financiamento da cultura (Gráficos 11 e 13). Observa-se que a quantidade de operações no Estado teve queda acentuada em 2014, possivelmente em virtude da escassez de chuvas, o que restringiu a demanda por crédito. Os mais atingidos foram os produtores de Café Arábica da região do Planalto, onde predominam pequenos produtores, o que pode ser observado pelas mesmas tendências nos gráficos 11, 12 e 15.

Gráfico 11 - Evolução do número de operações contratadas para a cultura do café na Área de Atuação do BNB entre 2012 e 2017



Fonte: Ambiente de Controle Financeiro de Operações de Crédito/BNB (2018).

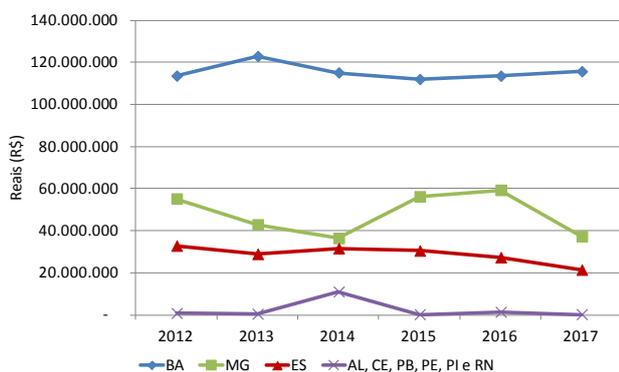
Gráfico 12 - Evolução do número de operações contratadas para a cultura do café na Bahia, entre 2012 e 2017



Fonte: Ambiente de Controle Financeiro de Operações de Crédito/BNB (2018).

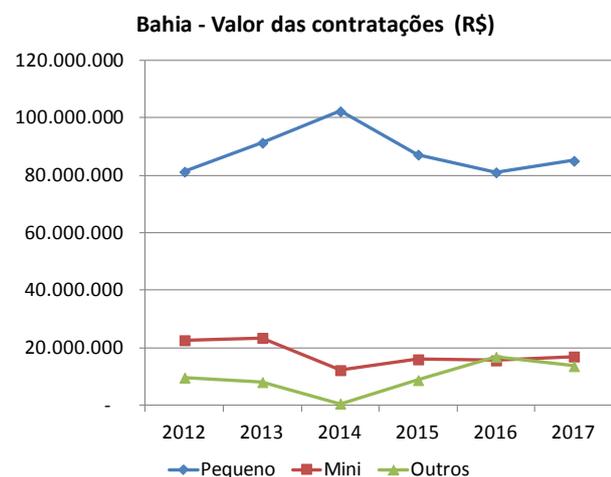
Nas contratações do Norte do Espírito Santo e Norte de Minas Gerais também prevalecem os mini e pequenos produtores. Em 2017 havia apenas duas operações para produtor de grande porte, no Norte de Minas Gerais e uma para produtor de médio porte, no Norte do Espírito Santo. Nesse Estado é cultivado predominantemente o Conilon, que é mais resistente às condições climáticas adversas, de maneira que as demandas por financiamento sofreram pequenas oscilações. No Norte de Minas Gerais, 96,7% do café produzido é do tipo arábica. Apesar de existirem importantes perímetros de irrigação na Região, nesse período, predominou o financiamento de café sob o regime de sequeiro.

Gráfico 13 - Evolução do valor contratado (R\$) para a cultura do café na Área de Atuação do BNB entre 2012 e 2017



Fonte: Ambiente de Controle Financeiro de Operações de Crédito/BNB (2018). Atualização de valores com base do IGP-DI de Set. 2018, (FGV, 2018).

Gráfico 14 - Evolução do valor contratado (R\$) para a cultura do café na Bahia, entre 2012 e 2017



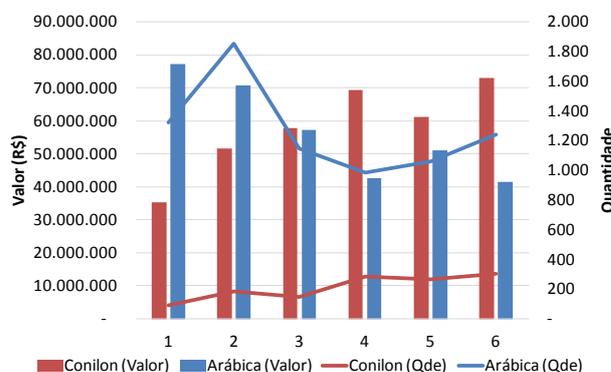
Fonte: Ambiente de Controle Financeiro de Operações de Crédito/BNB (2018). Atualização de valores com base do IGP-DI de Set. 2018, (FGV, 2018).

A partir de 2014, o valor das contratações para financiamento do Café Conilon, na Bahia, ultrapassou o valor do Café Arábica. Este caiu 46,4% e o Café Conilon aumentou 106,8%, entre 2012 e 2017, recebendo nesse último ano, os respectivos valores, 41,46 milhões de reais e 73,12 milhões de reais. A Região do Planalto, que é a mais tradicional na produção de Café Arábica na Bahia, concentrou o número de operações contratadas para a cultura (84,3%). Por outro lado, foi a Região produtora do Estado que recebeu o menor volume de recursos (16,6%), ratificando a predominância de produtores de pequeno porte (Gráficos 14 e 16). No período de 2012 a 2017, 99,75% do total de operações e 91,68% do total de recursos aplicados na Região para a cultura do café foram destinados aos mini e pequenos produtores (Gráficos 12, 14 e 15).

Na Região de Cerrado a situação é inversa, 1,2% das operações contratadas no Estado para o café demandaram 32,7% dos recursos. O que pode ser explicado pelo fato da cultura ser conduzida na Região de forma empre-

sarial com maior emprego de tecnologia. A quase totalidade das operações contratadas no Cerrado entre 2012 e 2017 foi para Café Arábica irrigado. Mas vale ressaltar que a maior parte dos recursos (84,7%) foi destinada para pequenos e pequenos-médios produtores.

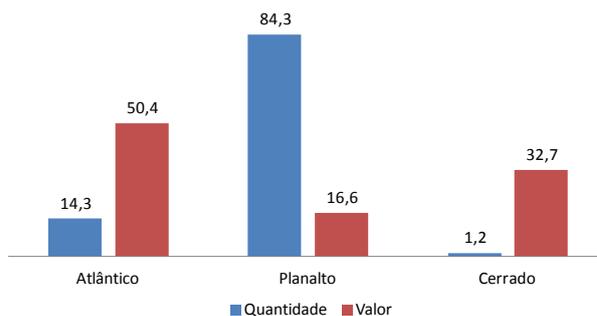
Gráfico 15 - Evolução da quantidade e valor das operações contratadas na Bahia entre 2012 e 2017 por espécie (Arábica e Conilon)



Fonte: Ambiente de Controle Financeiro de Operações de Crédito/BNB (2018). Atualização de valores com base do IGP-DI de Set. 2018, (FGV, 2018).

Na Região do Atlântico, predomina o financiamento a mini e pequenos produtores de Café Conilon, para quem foram destinados 67,7% dos financiamentos nessa localidade. Essa foi a região que recebeu o maior percentual dos recursos entre 2012 e 2017 (50,4%) (Gráfico 16).

Gráfico 16 - Distribuição percentual da quantidade de operações e valor contratado no estado da Bahia por região produtora, no período de 2012 a 2017



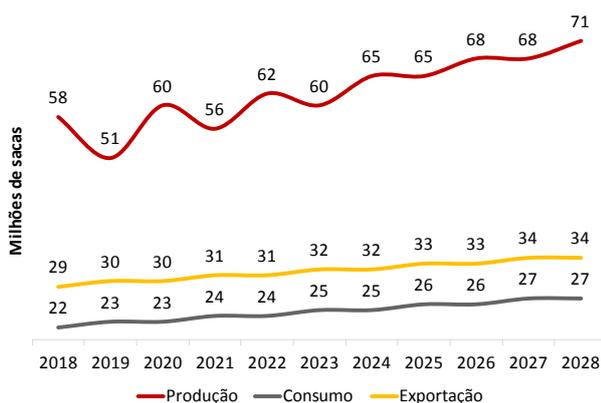
Fonte: Ambiente de Controle Financeiro de Operações de Crédito/BNB (2018). Atualização de valores com base do IGP-DI de Set. 2018, (FGV, 2018).

4 PROJEÇÕES

Segundo as projeções do Mapa (2018), a produção em 2028 deve chegar a 71 milhões de sacas, crescimento de 22,4% em relação à 2018. Projeta-se também um crescimento de consumo de 22,7% e de 17,2% das exportações entre 2018 e 2028.

Há preocupação e evidências de que as mudanças climáticas possam afetar a produção de café e de outras culturas e criações. O Bureau de Inteligência Competitiva do Café (2016) observa que a elevação de temperatura poderá reduzir a área apta ao cultivo de café pela metade nas próximas três décadas. Eduardo Assad, pesquisador da Embrapa indica que as culturas de café, laranja e feijão podem ser afetadas pelo abortamento das flores, motivado pelo aquecimento da temperatura (contato mantido em 28/06 de 2017) (MAPA, 2018, p. 46)

Gráfico 17 - Produção, Consumo e Exportação de Café (milhões de sacas)



Fonte: MAPA (2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário mundial, há previsão de que a safra de 2018/19 seja recorde tanto da produção e importação, quanto da exportação e consumo mundiais e, ainda assim, resultando em um balanço mundial positivo. Contudo, depois de três anos consecutivos com quedas nos estoques mundiais de café, ainda não se chegou ao mesmo patamar da safra de 2014/15. Nessas circunstâncias de grandes ofertas, os preços tanto do café Arábica quanto do Robusta caíram.

O Brasil foi o principal responsável por essa grande oferta mundial de café. No entanto, os maiores volumes exportados são de produtos não processados, ficando as maiores margens de lucro para os países transformadores dessa matéria-prima. Os principais fatores que limitam a participação do Brasil no mercado mais rentável de café é a baixa especialização em atividades comerciais e de transformação de matéria-prima.

Nos maiores produtores nacionais de Café Arábica, Minas Gerais e São Paulo, a produção deverá aumentar como consequência do clima favorável, bem como da bialidade positiva esperada na maioria de suas regiões produtoras.

No Espírito Santo, maior produtor de Conilon, em razão da maior pluviosidade bem como de temperaturas mais adequadas ao melhor desempenho da cultura, também se espera um aumento de produção para a safra de 2018/19. Consequentemente, houve queda nos preços

dos dois tipos de café.

Na Bahia, a produção do Café Arábica, no Cerrado, deverá aumentar em função de boas condições climáticas, do aumento da área em produção e da produtividade; na região do Planalto, também houve expressivo aumento da produtividade, em consequência de boas condições climáticas durante a floração e formação de grãos; além do fenômeno da bialidade positiva que influencia fortemente o Arábica; no Atlântico, também há previsão de aumento da produção do Conilon.

Há evidências de que as mudanças climáticas possam afetar a produção de café, em virtude da elevação de temperatura, com previsão de que haverá redução pela metade de áreas aptas ao cultivo de café nas próximas três décadas. Essas informações precisam ser levadas aos produtores para que estejam atentos à essas mudanças.

É importante que os produtores estejam atentos também à gestão dos custos de produção e às informações de mercado para reduzir os riscos econômicos da atividade. O sistema de controle de receitas e de despesas, por mais rudimentar que seja, será salutar para o melhor gerenciamento da produção, especialmente no âmbito da agricultura familiar. É importante ainda a adoção de tecnologias com vistas a melhorar a produtividade das lavouras.

O BNB tem apoiado a produção de muitos mini e pequenos produtores de café, cumprindo seu papel social e econômico de banco de desenvolvimento. Contudo, sugere-se ainda avançar no apoio à modernização das indústrias existentes em quase todos os estados da Área de Atuação do BNB de forma a ajudá-las a se tornarem mais competitivas no mercado externo. Além disso, acompanhar medidas de melhoria de gestão do negócio e de acompanhamento do mercado. A inovação em processos e produtos constitui-se em uma boa ferramenta para a melhoria da lucratividade e da rentabilidade e para a superação dos desafios.

REFERÊNCIAS

- ABIC - Associação Brasileira da Indústria de Café. **Indicadores da indústria de café no Brasil – 2018**. Disponível em: <Site ABIC 100 maiores: <http://abic.com.br/estatisticas/indicadores-da-industria/indicadores-da-industria-de-cafe-2017/>>. Acesso em: 30 out. 2018.
- CECAFÉ - Conselho dos Exportadores de Café do Brasil. **Exportações Brasileiras de Café. Relatório Mensal x Tipo de Café. Exportação entre 01/01/2017 e 31/12/2017**. Enviado dia 03/10/2018, por Daniel Borges Dutra (daniel@cecafe.com.br), da Tecnologia da Informação do Cecafe.
- CEPEA/ESALQ. **Consultas ao Banco de Dados do Site**. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/consultas-ao-banco-de-dados-do-site.aspx>. Acesso em 22 out. 2018.
- CMA - Consultoria, Métodos, Assessoria e Mercantil S/A (2018). **Preços do café**. Disponível em: www.cma.com.br. Acesso em: 22 out. 2018.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. **Série Histórica das Safras**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras>. Acesso em: 19 set. 2018.

FAOSTAT - Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Production**. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#data>. Acesso em: 20 set. 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção Agrícola Municipal**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 out. 2018.

INNOCENTINI, M. Política brasileira do agronegócio do café Desafios e propostas. **Rev. Política Agrícola**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 5-16, Abril/Maio/Jun. 2015.

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Projeções do Agronegócio: Brasil 2017/2018 a 2027/2028 – Projeções de Longo Prazo**. Brasília: MAPA/ACE, 2018. 112 p. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/todas-publicacoes-de-politica-agricola/projecoes-do-agronegocio>. Acesso em: 04 nov. 2018.

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Estatísticas de Comércio Exterior do Brasil (Comex Stat)**. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em: 29 out. 2018.

MESQUITA, B. P. de; FERNANDES, N. Endividamento e os reflexos no campo. **Agroanalysis**, 2013, p. 27.

OIC - Organização Internacional do Café. **Preços diários do café**. Disponível em: http://www.ico.org/coffee_prices.asp. Acesso em: 03 out. 2018.

RONCHI, C. P. **A origem do Café Conilon**. 19/08/2009. Disponível em: http://www.cetcaf.com.br/informacoes%20gerais/origem%20cafe%20conilon/origem_cafe_conilon.htm. Acesso em: 30 mai. 2017.

USDA - United States Department of Agriculture (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos). **Produção, suprimento e distribuição**. PSD. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads?tabName=default>. Acesso em: 14 set. 2018.

ANÁLISES SETORIAIS DISPONÍVEIS ANO DE 2018

- Café - 10/2018 (Atual)
- Petroquímica - 10/2018
- Vestuário - 10/2018
- Bovinocultura leiteira - 10/2018
- Citricultura - 09/2018
- Floricultura - 09/2018
- Comércio eletrônico (E-commerce) - 09/2018
- Mandiocultura - 09/2018
- Saneamento básico - 08/2018
- Couros e calçados - 08/2018
- Indústria siderúrgica - 08/2018
- Energia eólica - 08/2018
- Fruticultura - 07/2018
- Bebidas não alcoólicas - 07/2018
- Grãos - 06/2018
- Móveis - 06/2018
- Energia solar - 05/2018
- Bebidas alcoólicas - 05/2018
- Mel - 04/2018
- Carnes - 04/2018
- Saúde - 04/2018
- Algodão - 03/2018
- Alimentos - 03/2018
- Sucroenergético - 02/2018
- Shopping Centers - 02/2018
- Petróleo e gás natural - 01/2018

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

ANÁLISES SETORIAIS PREVISTAS PARA 2018

- Algodão
- Aquicultura e pesca
- Bovinocultura leiteira 2
- Caju
- Coco
- Comércio
- Construção civil
- Energia térmica
- Grãos
- Hotéis
- Rochas ornamentais
- Serviços
- Turismo

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

- Diário Econômico
- Boletim de Avaliação
- Informe ETENE
- Informe Rural (1)
- Informe Macroeconomia, Indústria e Serviços (1)
- REN - Revista Econômica do Nordeste
- Revista BNB Conjuntura Econômica
- Livros
- Artigos
- Informações Socioeconômicas - Nordeste
- Informações Socioeconômicas - Estados e Municípios
- Projeções ETENE
- Nordeste em Mapas
 - Economia
 - Indicadores Sociais
 - Infraestrutura
 - Território